

18-3-60 - O Globo

A CRÔNICA de Rubem Braga

— U.S.A. E PETROBRÁS —

PARECE que Washington está, pela primeira vez, admitindo a possibilidade de abrir créditos à Petrobrás. Esqueceria, assim, os princípios "sagrados" da "livre concorrência", da "empresa privada", para ajudar um monopólio estatal. Pela primeira vez alguns parlamentares e grandes jornais americanos estão aceitando essa idéia.

Numa excelente — porque objetiva e franca — entrevista que deu a um jornal americano o Presidente Juscelino foi menos firme quando interrogado sobre a possibilidade de vir o Brasil a acabar com o monopólio estatal do petróleo. Disse que o assunto era de lei e, portanto, dependia do Congresso. É uma verdade, mas é uma verdade evasiva. Ele devia ter acrescentado que a opinião pública brasileira, inclusive a das forças armadas, apóia esse monopólio que, aliás, consulta o interesse nacional. Quanto mais firme uma declaração desse tipo, mais perto estariam os norte-americanos de aceitar nossa posição como um fato consumado, e de desistir de meter pedidos de concessões petrolíferas na pauta secreta das conversas de barganha.

Importa dizer que a grandes setores da indústria americana interessaria a abertura de amplos créditos governamentais à empresa brasileira de petróleo. E, em grande parte, com maquinaria e "know-how" americano que funciona a Petrobrás. Ela não se limita a comprar máquinas e contratar técnicos individuais nos Estados Unidos. Tem contratado também, e com resultados ótimos, a abertura de poços a firmas americanas especializadas, assim como vários outros serviços. Fiscaliza e supervisiona esses trabalhos, mas neles não interfere: deixa a turma americana trabalhar como pode e sabe, ao mesmo tempo que faz funcionar as turmas já brasileiras.

Ora, se o Governo americano, através de alguma de suas agências de financiamento ou de um organismo internacional em que influi, abrisse à Petrobrás grandes créditos, muito maior seria o fluxo de maquinaria e pessoal americano para apressar o nosso desenvolvimento petrolífero. Não seria o ideal, para algumas companhias. Mas agradaria a muitas indústrias norte-americanas e afinal de contas (é isto que "eles" começam a compreender) consultaria o interesse nacional dos Estados Unidos. Isso porque tiraria um grande argumento da boca dos nossos nacionalistas de nacionalismo unilateral (que só funciona contra o Ocidente), impediria que o Brasil fôsse procurar auxílio alhures, como já tem procurado, e, caso a produção de petróleo aumentasse em um ritmo acelerado, libertaria muitos milhões de dólares de divisas que, em sua maioria, iríamos aplicar certamente em compras aos próprios Estados Unidos.

Os americanos são homens práticos, a quem devemos falar com franqueza e com firmeza; é o que, para honra sua e proveito do País, tem feito o Presidente Juscelino; mas nem sempre.